

Causos de uma escola territorializada na luta pela terra

Wanderson Rocha Lopes¹

Jaru, Rondônia, Brasil

wanderson.lopes@ifro.edu.br

Doutor em Educação Matemática

Instituto Federal de Rondônia, *campus* Jaru

<https://orcid.org/0000-0002-0271-5857>

No segundo semestre de 2022 eu estive na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Polo Paulo Freire², realizando o trabalho de campo da minha investigação para meu processo de doutoramento que finalizei em 2025. Essa escola fica no Assentamento Palmares do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que está a quatro quilômetros e meio do centro do município de Nova União, e tem suas origens vinculadas a um processo de luta por terra e reforma agrária na região.

Eu fui para lá com alguns propósitos em mãos. Meu projeto de pesquisa havia sido pensado com base em momentos específicos de minha formação e história pessoal. Por um lado, estudei um pouco sobre o MST durante o mestrado e como este Movimento promovia um pensamento e propostas políticas e pedagógicas específicas para escolas em ambientes de reforma agrária, como as Escolas Itinerantes no estado do Paraná. Por outro, por eu ser alguém que nasceu e cresceu no interior do Brasil, no estado de Rondônia. Neste estado presenciamos inúmeros problemas de conflitos por terras, gerados pelos modos de colonização da segunda metade do século XX. Tensões que persistem atualmente, uma vez que está mediatizada pelas fronteiras agrárias que avançam sobre território amazônico. Diante desse cenário sempre me questionava como isso levantava questões para o campo da Educação. E assim, levava comigo um projeto, um objetivo de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2020/14396-7 e 2023/00778-3.

² O projeto de pesquisa destas produções foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Faculdade de Medicina de Botucatu da Unesp (Universidade Estadual Paulista) (CAAE 57897222.7.0000.5411) com o parecer de número 5467758.



pesquisa, buscava compreender como uma escola, localizada em um assentamento rural no interior de Rondônia, se produzia entre as demandas estatais e as lutas pela Educação do Campo. Assim, eu investigava como políticas públicas, governanças locais e máquina estatal como um todo, produziam essa escola. Por outro, me interessava também entender como comunidade, movimento social, história e cultura local habitavam a escola enquanto território. E nesta dinâmica a escola Paulo Freire, sua região, entorno social, política local, comunidade dos assentamentos (o Palmares e outros em sua vizinhança), saberes locais e modos próprios de se expressar, ver o mundo e pensar, poderiam promover uma riqueza de elementos que balançariam nossos estudos e aprendizagens para a escrita de uma tese em Educação Matemática.

Eu estava acompanhando a Escola Paulo Freire com um processo metodológico cartográfico. Tratava-se de acompanhar suas rotinas, estar ali, compor, trocar, habitar, cartografar, vivenciar e aprender com essa escola. Era na materialidade de sentir o sabor do café que tinha na sala dos professores, da tonalidade das vozes e suas potencialidades, juntar estética e saber na experiência compartilhada. Era sobre explorar seus cenários, cores dos muros, das grama das pastagens, seus afetos, símbolos e códigos. Experimentar a temporalidade, sentir texturas, reconhecer e estranhar.

No meio de tudo isso, o que mais me possibilitava aprender era prostrar com as pessoas que estavam ali. Quase toda hora era um caso novo.

Um dia mesmo, estava acompanhando a aula de uma professora, era uma das rotinas de sempre. E quando iniciou a pausa para o recreio, caminhávamos pelos corredores, sentido sala dos professores. A professora conversava comigo sobre o que passava no cotidiano profissional dela naquele dia e como estava se sentindo em relação a vários temas que vinha observando na escola.

Ela me contou que eram tantos problemas que à primeira vista, parecem não afetar o cotidiano, mas afetava. Ela falava de um conflito silencioso que corria por baixo das aulas, dos recreios, das rotinas. Tensões que chegavam, quase sempre, pela Secretaria Municipal



de Educação: decisões, ordens, planos, relatórios, cobranças, troca de pessoas! Era o executivo local atravessando o que a escola construía com tanto cuidado. A professora me falava dos problemas que ocorreram quando eu cheguei na escola e vi a troca da diretora, onde tiraram alguém que conhecia cada pessoa da comunidade pelo nome e colocaram uma pessoa de fora da comunidade no cargo. Também desabafava sobre a troca de professores, um belo xadrez das danças das cadeiras. Me falou da política local, das decisões supostamente camufladas por teores técnicos. Me lembrou no meio da conversa a respeito do que aconteceu uns dias antes, uma vergonha da tentativa de apagamento do Projeto Político Pedagógico, o PPP, por parte da Secretaria. Me falava da tristeza de receber um pesquisador na escola, interessado em aprender com ela, e o que estavam conseguindo entregar era esse cenário, quase de uma crise.

Em meus pensamentos eu não deixava de notar que a escola é território, e logo assim, um campo de disputa, não tinha dúvida. Escola já fragilizada, na frente de um cenário estatístico de tantos fechamentos de escolas rurais, quem sabe até relacionado a um ataque ou apagamento estratégico do que é a vida no campo nos dias de hoje e para as gerações futuras.

A Educação, sem dúvida, não pode ser pensada fora do campo da política. E essa coisa gigante que chamamos de Estado, que inclusive fomenta nosso trabalho, produzia e modificava essa escola com seus modos, tempos, espaços, documentos, cargos e recursos próprios, tudo pensado à sua maneira. O Estado normatizava, regulava, fundamentava, disciplinava, mas o Governo disputava, controlava, e quem sabe até deixava rolar certo caos para um dia justificar: “melhor aproveitar e fechar mesmo, é muito gasto para ter uma escola longe da cidade, não é?” O que se esperar, então, de uma escola em assentamento rural?

A professora ainda me contou sobre trabalhos antigos da escola, dizendo que antes tudo era muito mais mobilizado do que aquele momento, que a escola era mais potente, dava mais alegria e ânimo de estar e participar.



Em uma dessas experiências me falava:

– Essa escola já foi tão bem organizada que já conseguimos fazer aulas com acampamentos organizados lá na pracinha do centro, em frente da prefeitura. A gente ia lá, e cada turma debatia um tema específico, falávamos sobre políticas públicas, as demandas da comunidade, os problemas do município, temas de relevância social e coletiva, e envolvíamos o trabalho da escola com a formação para uma sociedade democrática, no contexto que as pessoas vivenciavam aqui no assentamento. A escola fazia um belo trabalho, sempre foi muito boa, e isso incomodava, mas era tudo com base no projeto próprio da escola, na nossa proposta e modo de educar nosso. As crianças aprendiam muito e se engajavam, faziam parte da construção da escola. O próprio PPP foi um caso de uma vergonha imensa, pois aquele documento a gente construiu com os pais, foi feito em reuniões coletivas de gleba em gleba, um trabalho de formiguinha.

Apesar de tantos problemas, a escola tinha seus modos outros, deslizava nas normatividades do poder estatal e se relacionando com a terra e suas tensões. Sinto que eu teria aprendido muito acompanhando uma atividade dessas na pracinha, uma escola que se coloca em movimento, que extrapola os limites de seus muros com o saber. Eram aulas que mobilizavam a escola inteira, discutindo temas da cidade, debatendo políticas públicas do tempo presente, trabalhando conscientização junto aos alunos e à sociedade. Imagine um espaço educativo que continua sendo escola, mas aberto, atravessado pela vida do município? Uma escola que acampa em frente à prefeitura para falar do que afeta a comunidade e o seu coletivo? O pode essa escola?

Nisso, o Estado a legislou, financiou, construiu, inclusive direito da comunidade, mas, naquele 2022 o momento histórico e político já era outro. Afinal, Estado e movimento social, sem dúvida tensionavam a Escola Paulo Freire, produzia suas vibrações. Era certo a importância do Estado para sua estruturação, mas sem Movimento, sem luta por terra, sem comunidade organizada, sua existência tampouco se daria.



Aquelas palavras da professora me apontavam uma escola que movimentava um pensamento pedagógico próprio em formação, o território atuava na composição dos saberes educativos da professora e de seus pares, a escola se articulava com a sociedade de um jeito mais próximo, trocando com ela. Nada de romantizar exageradamente aquilo que ocorria ali, mas as aulas saíam dos muros, e não eram presas e enjauladas. Me lembrava de um outro dia naquela escola, um professor falava a seus alunos:

– Na aula de hoje estamos falando de Amazônia. Então, quando eu falar de Amazônia, por favor, quero que vocês olhem ali pela janela e vejam aquele pé de árvore – apontava além dos muros da escola – Aquilo ali é Amazônia, mesmo que não seja aquela floresta que todo mundo imagina e vê na TV, porque aqui já temos um território ruralizado. Mas quero que entendam que faz parte da nossa vida, aqui estamos em uma terra de bioma amazônico.

“Olhe pela janela”, podemos aprender com o território, podemos aprender com a terra, ela ensina tanto no meio social como com a natureza em si, era uma aula de Geografia. Afinal, se tratava de uma escola em área de reforma agrária. Um espaço de grande latifúndio anterior, onde saberes foram produzidos nos acampamentos para sua organização. Saberes educacionais em luta pela terra, uma experiência acumulada, dissolvida, ressignificada, transformada.

Pesquisar se tornava um desafio. Eu até esqueci de falar que vinha querendo aprender, mas também me comprometer, e então como educador matemático, trazia comigo uma segunda, ou sub, preocupação com a pesquisa. O que pode a Educação Matemática junto a essa escola? Questão que me gerava preocupações que outrora perpassava o ambiente das universidades e nos grupos de pesquisa que eu fazia parte, onde perguntávamos: e este saber aí no campo? E a Matemática? E a Etnomatemática? O que pode ela? O que pode uma e(E)tnomatemática, seja programa de pesquisa ou saber em movimento, em compromisso com estes espaços e territórios, que nos implicamos nos

caminhos da investigação? Pode o educador matemático ser, em uma escola de assentamento rural, transdisciplinar?



Causos de uma escola territorializada na luta pela terra

Stories from a territorialized school in the struggle for land

Cuentos de una escuela territorializada en la lucha por la tierra

Resumo

Refletimos aqui sobre experiências vividas em uma escola localizada em área de reforma agrária no interior de Rondônia, durante uma pesquisa de doutoramento em Educação Matemática. A convivência com professores, estudantes e comunidade possibilitou compreender a escola como território atravessado por disputas políticas, saberes locais e práticas educativas vinculadas à luta pela terra. As experiências observadas evidenciaram processos educativos, nos quais território, cultura, natureza e cotidiano articulavam aprendizagens para além dos muros escolares, possibilitando questões sobre a transdisciplinaridade. Nesse contexto, as EtnoMatemaTicas emergiram como possibilidades de diálogo entre Educação Matemática, Educação do Campo e saberes territoriais.

Palavras-chave: Educação do Campo. Território. Reforma Agrária. Causos. Etnomatemática.

Abstract

We reflect here on experiences lived in a school located in an agrarian reform area in the countryside of Rondônia, during doctoral research in Mathematics Education. Interactions with teachers, students, and the local community made it possible to understand the school as a territory crossed by political disputes, local knowledge, and educational practices linked to the struggle for land. The observed experiences revealed educational processes in which territory, culture, nature, and everyday life articulated learning beyond school walls, asking about transdisciplinary. In this context, Ethnomathematics emerged as possibilities for dialogue among Mathematics Education, Rural Education, and territorial knowledge.

Keywords: Rural Education. Territory. Agrarian Reform. Oral Narratives. Ethnomathematics.

Resumen

Reflexionamos aquí sobre experiencias vividas en una escuela ubicada en una zona de reforma agraria en el interior de Rondônia, durante una investigación doctoral en Educación Matemática. La convivencia con docentes, estudiantes y comunidad permitió comprender la escuela como un territorio atravesado por disputas políticas, saberes locales y prácticas educativas vinculadas a la lucha por la tierra. Las experiencias observadas evidenciaron procesos educativos en los cuales territorio, cultura, naturaleza y vida cotidiana articulaban aprendizajes más allá de los muros escolares, cuestionando sobre la transdisciplinariedad. En este contexto, las EtnoMatemaTicas emergieron como posibilidades de diálogo entre Educación Matemática, Educación Rural y saberes territoriales.

Palabras clave: Educación Rural. Territorio. Reforma Agraria. Cuentos. Etnomatemática.

